



UNICAMP

DIONEIA ANTONIA FRONZA

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS, BRINQUEDOS E
BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Campinas

2005



UNICAMP

DIONEIA ANTONIA FRONZA

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS, BRINQUEDOS E
BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores, em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas da Universidade Estadual de Campinas, como pré-requisitos para a conclusão da licenciatura em Pedagogia, sob orientação do prof^o. Dr^o. Sérgio Antonio da Silva Leite.

Campinas

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Fronza, Dionéia Antonia.

F928m Memorial de Formação :a importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na educação infantil / Dionéia Antonia Fronza. – Campinas, SP : [s.n.], 2005

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-246-BFE

Dedico este trabalho a todas as pessoas que, de uma forma ou de outra, contribuíram para sua concretização, e a todos aqueles que ainda acreditam na educação deste país.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que conhece o meu coração, e em quem muitas vezes busquei forças para superar os obstáculos e desafios no decorrer deste curso.

Aos docentes da turma “F” que, durante três anos de curso, valorizaram, incentivaram e contribuíram imensamente para a construção e aperfeiçoamento dos conhecimentos que foram adquiridos, relacionando prática e teoria.

Ao nosso orientador Prof^o Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite e A.P. Prof^a Maria Cristina R. M. Pellinon, por toda dedicação e empenho em busca da qualidade, esclarecendo-nos e fortalecendo-nos na realização deste trabalho de conclusão do curso.

Às minhas colegas de classe, que além da amizade, contribuíram – e muito – para minha chegada ao final do curso.

Aos meus alunos da Educação Infantil, com os quais aprendo, a cada dia, que a luta vale a pena. E neste memorial são reais protagonistas dos meus relatos de experiência na prática docente.

Agradeço também à minha família, em especial minha mãe, Maria Jesus Ignácio Fronza e meu filho Leandro Felipe Rodrigues que, durante a elaboração deste memorial, tanto me apoiaram.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DO TRABALHO.....	06
COMEÇANDO A CONVERSA	07
I. MEMORIAS COMO FONTE DE PESQUISA; ONDE AS LEMBRANÇAS SÃO JOGOS DE IMAGENS.....	09
1.1. Recordações da minha infância.....	09
1.2. O começo da história – Escola Rural.....	10
1.3. Ensino Ginásial.....	13
1.4. Ensino Médio Profissionalizante.....	15
II. PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DOCENTE.....	16
2.1 Experiência da Prática Educativa na Rede Municipal.....	17
2.2 Da teoria à prática contribuição do Ensino Superior.....	20
III AS TEORIAS E PRÁTICAS SOBRE O ASSUNTO	21
3.1 Os diferentes olhares a respeito da infância, da criação e do brincar no decorrer da História.....	21
3.2 O direito de brincar.....	23
3.3 Mundo moderno, infância ameaçada.....	24
3.4 Brincar na escola é preciso.....	27
3.5 Parque de aprendizado infantil.....	28
3.6 Brinquedos- Desenvolvimento da aprendizagem- Sociabilidade.....	28
3.7 A relação criança X brinquedo X adulto.....	29
3.8 Brinquedos e jogos com sucatas.....	33
3.9 Relato da minha experiência.....	34
3.9.1 O jogo da aprendizagem.....	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

Apresentação do trabalho

Este memorial teve como objetivo, analisar e relatar a trajetória de minha formação profissional na educação, estabelecendo relações entre as teorias debatidas e compreendidas durante o curso de Pedagogia – UNICAMP e relacionar a prática pedagógica desenvolvida com meus alunos.

Verificando e relatando que através de atividades desafiadoras e diversificadas, as quais, o jogo, brinquedo e brincadeiras, podem proporcionar e leva a criança a interagir com várias áreas do conhecimento, de modo integrado e prazeroso.

Sendo que no decorrer deste memorial, certos autores e teóricos citados, definem e ao mesmo tempo alguns criticam a maneira de como é realizado o trabalho em questão, com os alunos e a falta também de consciência dos educadores em utilizar destes recursos tão importantes para o enriquecimento das aulas.

Também relato o furto do lúdico, no qual a própria escola / família tem uma parcela de culpa. No decorrer do memorial, procuro descrever como este processo de formação universitária, tem contribuído de forma positiva para a minha prática docente, e as mudanças que essa prática reflexiva e crítica, provocou no meu dia a dia com os alunos.

Palavras Chaves: Brincadeira, memória, aprendizagem, jogo, lúdico.

Começando a Conversa

A idéia deste tema. “A importância dos jogos, brinquedos e brincadeiras na Educação Infantil”, nasceu a partir de pontes que estabeleci entre minha infância, a formação acadêmico-profissional com as teorias estudadas e defendidas na Universidade e das inquietações e inconformidade com o cotidiano escolar e dos profissionais da educação em relação a este assunto.

Sou professora efetiva da rede Municipal de Educação de Santa Bárbara d’Oeste e atuo como Professor I – Educação Infantil, há dez anos, sendo que até o início de 2002, minha formação limitava-se ao magistério (Ensino Médio), mas sempre tive consciência da necessidade de uma formação mais ampla, que me fizesse compreender, através das teorias, os acontecimentos da sala de aula. Porém, eu não tinha condições financeiras para pagar um curso superior.

Meu grande sonho era frequentar uma Universidade Publica, mas como acredito que tudo que queremos realizar em nossas vidas temos de antes, mentalizar e sonhar, este sonho se tornou realidade no momento em que eu menos esperava: os professores da rede Municipal de Santa Bárbara d’Oeste receberam o comunicado da nossa Secretária da Educação do convênio das prefeituras com a Unicamp e da oferta deste Curso de Licenciatura de Pedagogia para professores em exercício.

Então fiz minha inscrição e prestei a prova escrita. Não tive muita dificuldade, pois as questões eram relacionadas com nossa prática docente, mas achei bastante trabalhosa. Fui uma das últimas pessoas a sair da sala; então iniciei minha formação Universitária tão sonhada.

Como faço parte do Proesp (Programa Especial de Formação de Professores em Exercício), não havia sentido apresentar uma pesquisa de campo em cima da prática de outros profissionais da educação. Devo concordar com o meu orientador, Prof^o. Dr. Sérgio Antonio da Silva Leite que sugeriu, como trabalho de conclusão à apresentação deste Memorial de Formação.

Tive que aceitar o desafio! No início, fiquei preocupada, insegura, pois tive inúmeras dúvidas, tais como: que encaminhamento correto devo dar a escrita? Que escolha fazer da narrativa? Qual o título? E se não conseguir me lembrar? E se a memória falhar? Como ter o discernimento sobre o que realmente é relevante? Todos estes questionamentos vinham na minha memória, pois tratava-se de um relato de experiências vividas por mim, sujeito narrador, onde:

“Ao narrar uma história, identificarmos o que pensamos que éramos no passado, quem pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado se os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; como acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido”. (Thomson, 1997: 57)

1. Memórias como fonte de pesquisa; onde as lembranças são jogos de imagens.

1.1. Recordações da minha infância

“Temos dificuldade de olhar para dentro de nós mesmos e para as crianças com os quais convivemos diariamente”.

Adriana Friedmann

Com auxílio da memória, procuro abordar minha infância de modo a resgatar vivências e fatos marcantes para minha formação pessoal. Tenho como referência histórica o sítio Fronza, de propriedade de meu pai e dos demais irmãos. Este sítio fica a 2 Km do Bairro Santo Antonio do Sapezeiro, a 12 Km da zona urbana; da cidade de Santa Bárbara d’Oeste.

Foi no período de 1963 até 1978, que passei os melhores anos da minha vida, do qual tenho ótimas recordações.

Tentarei visualizar os momentos e fatos mais marcantes, a vida de uma criança da zona rural e contextualizar as rotinas da vivência infantil, as brincadeiras, a vida escolar...

No nosso sítio havia muitas crianças, todas mais ou menos da mesma idade e éramos muito unidos, brincávamos juntos e, por isso, brincar se tornava muito prazeroso.

A maioria das brincadeiras era inventada por nós, improvisada com os recursos que tínhamos. Qualquer material tornava-se um brinquedo, pois nosso pai não tinham dinheiro para comprar brinquedos prontos.

O espaço ao ar livre era enorme e contribuía para que todas as crianças tornassem crianças espertas e curiosas. Explorava tudo ao redor: rios, matas, plantações..., enfim, a natureza era abundante.

A história do aparecimento do sentimento relativo à infância, oferece-me subsídios para que analisando aquela realidade local da minha infância, possa fazer a ligação com o universo mais abrangente e perceber que existem condutas que são conseqüências da evolução do ser humano no mundo. O lugar que a criança ocupa na família, escola, na igreja e outros, além de ser influenciado pelo contexto ao qual ela está inserida, relaciona-se com a própria história da humanidade. Nesse aspecto, a pesquisa de Philippe Áries sobre a história social da criança e da família, é utilizada como um dos referenciais teóricos, para desenvolver este estudo.

Na história da minha infância na zona rural, as brincadeiras, jogos e a rotina escolar, são consideradas não apenas como descrição de fatos, mas como referencia de dados históricos que marcaram a minha vida naquele local.

Acho importante ressaltar que considero o momento da elaboração deste memorial como um aprendizado de pesquisa.

Na tentativa de resgatar vivências infantis, retomo na memória o lugar e o sentido que tudo tomava para mim naquela época, anos da minha tão preciosa infância.

1.2. O começo da história – Escola Rural

Dizem que mais difícil do que adquirir novos conhecimentos é conseguir desprender-se dos velhos. Abandonar uma idéia supõe renunciar a uma parte de nosso pensamento – daquele que consideramos verdade durante muito tempo – e deixar-se fascinar pelo insólito. É neste capacidade de fascinação que reside o gérmen do progresso”.

(Moreno et al, 1999).

Até os 15 anos de idade, morei na zona rural, num pequeno sítio de propriedade do meu pai. Esse sítio, pertence ao Bairro Santo Antonio do Sapezeiro que recebeu este nome em homenagem a Santo Antonio (padroeiro) inauguração do bairro dia de Santo Antonio (13 de junho) e Sapezeiro porque no início da formação do bairro havia muitos pés de sapé. Hoje, o bairro cresceu, evoluiu e ficou famoso por comercializar lingüiça caipira. Pessoas famosas vão para lá, um lugar sossegado, para saborear esta deliciosa lingüiça de porco.

É neste bairro que ficava a escola rural: a Escola Mista do Bairro Santo Antonio. Foi lá que realizei meu estudo de 1^a a 4^a série. A escola era composta por três pequenas salas de aula, onde a 1^a e 2^a série eram salas individuais e a 3^a e 4^a compunham classe mista.

Aos 7 anos (1971), fui para a escola sem nenhuma base educacional familiar ou da pré-escola.

Matricularam-me na primeira série e compraram o material escolar (caderno tipo brochurão, lápis e borracha). Minha bolsa era feita de tecido de saco de açúcar, pela minha mãe, que bordou um desenho em ponto cruz.

A escola rural ficava um pouco longe da minha casa, de modo que eu tinha dificuldade para freqüentá-la.

Acordava bem cedo; às vezes, com uma réstia de luz passando entra as tábuas da janela do meu quarto. Dependendo da época do ano, o sol era quem me acordava, não precisava chamar.

Meu pai é quem nos levava – eu e minha irmã Cidinha – de charrete, já de manhãzinha, para a escola e, na saída de casa, ouvíamos as recomendações de minha mãe: “Vê se obedece a professora e presta atenção na aula”. Meus pais eram agricultores humildes, praticamente sem estudo, mas queriam que seus filhos estudassem.

Trago com muita clareza em minha memória a imagem daquela escola rural e de minhas três professoras do ensino médio.

A professora Marli, foi a que mais marcou, por ser minha primeira professora. Era rígida e severa, exigente quanto à perfeição da caligrafia. Mas o que mais recordo de suas aulas, era a cobrança quanto à memorização da tabuada! Eu não conseguia entender e nem memorizar e como sou bastante nervosa, isso me impedia ainda mais de gravar na memória. O medo de sofrer “castigo” por errar a tabuada, no momento da chamada oral que era realizada com freqüência, me fazia sair chorando da aula. Sentava atrás da escola e lá ficava chorando; às vezes, eu só retornava quando a professora mandava alguém ir chamar minha irmã. Então, ela conseguia que eu retornasse para a sala de aula. Não era falta de estudos. Eu chegava em casa e ficava horas e horas tentando memorizar as tabuadas, e não foi realmente na primeira série que aprendi tabuada.

Na segunda série tive como professora uma pessoa muito bonita, elegante, que se chamava Maria Regina, mas o que eu não esqueço era a briga na fila para ver quem ia levar aquele monte de livros didáticos para a professora. Recordo que ela usava a Cartilha Caminho Suave. Foi através dela que eu me alfabetizei, embora hoje, depois de muitos cursos teóricos e práticos, tenho consciência que este método de alfabetização fragmenta as palavras, descontextualiza a escola do real, produzindo muitas vezes o analfabetismo funcional, pois trata-se de uma prática tradicional de alfabetização, voltada para a simples decodificação de letras e símbolos, artificializando as situações reais de leitura e de escrita, não deixando que o aluno elabore suas próprias idéias (Perón, 2001). Talvez estas professoras usassem este método, pois era, o que se usava ou conhecia naquela época. Lembro-me que tive muita dificuldade em me alfabetizar: ortografia, erros no ditado... Então a professora me fazia escrever linhas e mais linhas, repetindo aquela mesma palavra. Quantas tardes, lá em casa, eu fiquei tentando memorizar sílabas e palavras!!!

O resultado foi, que antes de compreender como se dava a construção da escrita, eu decorava as lições, os textos e ia passando para as lições seguintes. Quando em 2004, eu fiz o Curso de PROFA (Programa para Formação de Professores Afabetizadores), pude compreender realmente todo este processo da construção da leitura e escrita dos alunos, pois como sempre trabalhei no ensino infantil, nunca alfabetizei, mas como educadora temos de conhecer, o processo de construção da leitura e da escrita. Na terceira e quarta séries, tive a minha professora Silvia (de Piracicaba), era idosa e bastante doente, faltava com certa frequência, mas era uma professora que mantinha o diálogo, com os alunos e parecia interessar-se em conhecer o aluno com quem estava trabalhando. Uma das recordações é o conto de fadas que ela lia para nós. Eu ficava encantada com tudo aquilo; as figuras do livro eram bonitas e grandes. Aprendi a gostar de histórias e lendas, pois desde muito pequena, ouvia meu pai contar histórias de assombrações, bruxas, lobisomem e outras... Meu pai, José era um pessoa muito brincalhona e alegre, admirado por todos os sobrinhos lá do sítio.

Todas as tardes apareciam lá em casa só para ouvir meu pai contar histórias, lendas e piadas, era só gargalhadas.

Minha 3^a e 4^a série foram na mesma classe: sala mista e com a mesma professora. Algo que jamais vou esquecer: na 4^a série, numa aula de Ciências, a professora ensinava sobre o Sol, e a Terra, o dia e a noite e uma porção de outras coisas, que eu mal compreendia. Quantos planetas, movimentos..., que coisa esquisita!!! A professora dizia que os planetas eram como crianças em movimento, não paravam no lugar.

Eu era uma criança muito tímida, não conversava com as professoras, só ouvia e me perguntava: porque o sol de isopor da professora era maior que o desenho redondo, que ela fazia na lousa representando o nosso planeta Terra. O sol que eu via de manhãzinha lá no sítio parecia tão menor que a Terra. Que confusão – eu pensava!

A professora Silvia, como as demais das séries anteriores, também trabalhava com o livro didático e enchia a lousa de cópias e lições. Reclamava da minha letra e, às vezes, chamava minha atenção perante a classe, porque não queria ver “orelha” no caderno. Confesso que não era muito cuidadosa com o caderno, mas era estudiosa e procurava compreender o que a professora ensinava.

Outra coisa que recordo, com saudade, das lembranças da escola rural, era o enorme espaço de área verde (com gramas, árvores e jardins), o cantar dos pássaros e o voar das borboletas entre as flores. Era uma vista muito bonita e bem cuidada pelo zelador da escola. O Sr Nelson, que era deficiente de uma das pernas – usava uma perna mecânica - , mas era alegre e brincalhão. O melhor momento lá na escola era o recreio, onde eu aproveitava aquela

areia branquinha, para fazer desenhos com gravetos, à grama para brincar de pular-pau, pega-pega, salve latinha e esconde-esconde, pular corda e amarelinha, e de roda. A merenda da escola é outro fato inesquecível: o cheiro daquela sopa contagiava as salas de aula, e o sabor, que delícia! O leite com chocolate, tudo que era servido ali, era bem diferente da comida lá de casa. A merendeira, D^a Joana, fazia com carinho.

1.2. Ensino Ginásial

Como nesta escola o ensino era só até a 4^a série e eu queria continuar estudando, nas horas de folga já ajudava meus pais na lavoura. Eu queria uma profissão melhor, pois o serviço era pesado e sofrido.

Então, para continuar estudando, enfrentei alguns obstáculos: como o ônibus que ainda não circulava na zona rural, eram os próprios pais de alunos que arrumavam meios de transporte até a cidade. Meu pai então pagava, para que outros pais de alunos que tinham caminhonete, perua e mesmo caminhão, se revezassem levando a gente para estudar na cidade mais próxima, que era Santa Bárbara d'Oeste. A escola mais próxima, já na entrada da cidade era EEPG “Prof^a Maria Guilhermina Lopes Fagundes”. Foi lá que estudei da 5^a a 8^a série.

Quando eu passei para a 6^a série, começou a passar ônibus de linha lá no bairro Santo Antonio, que transportava estudantes e demais pessoas dos bairros vizinhos até a cidade. Foi uma conquista significativa para nós, apesar de o ônibus dar muitas voltas, porque passava em mais dois bairros: Bairro Bom Retiro e Azanha. Quando chegava à escola, eu estava com dor de cabeça.

Além destas dificuldades, enfrentei desafios com a adaptação a uma realidade totalmente diferente daquela da escola rural; agora eu me via numa escola enorme, com diversas repartições, dois andares e muitas crianças, professores e funcionários. Gostava muito da diretora D^a Miriam. Ela era muito “humana”, entendia as nossas dificuldades, diferenças e simplicidades: alunos “caipiras” da zona rural, principalmente nos dias da educação física, que era no horário oposto as aulas.

Como não dava tempo de irmos almoçar em nossas casas como os demais alunos, a diretora pedia que nos fosse servido, a sobra da merenda do dia.

Quanto ao uniforme que minha mãe comprou da educação física, fiquei toda contente, era muito bonito, todo branco, só o short que usava por baixo da saia era vermelho. Quando íamos de volta para casa com aquele uniforme era um desgosto, pois a poeira do ônibus deixava nossa roupa avermelhada, principalmente o tênis e as meias brancas.

Recordo que na sexta série, com 10-11 anos, eu já ajudava no corte de cana queimada e morria de vergonha de minhas mãos lá na escola. Por mais que eu as lavasse e esfregasse ficavam amareladas, com pequenos cortes. Sentia-me envergonhada, inferiorizada e isso fazia com que me calasse cada vez mais, e distanciasse dos demais colegas da sala. Tinha dificuldades em fazer amizades, mas tinha boas notas, pois valorizava muito aquela oportunidade de estar estudando, e isso me fazia sonhar com um futuro melhor.

Vou enfatizar alguns outros fatos e vivências que marcaram meus quatro anos de ginásio nesta escola:

Aprendi a jogar xadrez, damas e jogo da velha; tive noções de língua francesa (5ª série) e, na 6ª a 8ª, de língua inglesa; alguns conteúdos significativos nas aulas de Ciências como cuidado com a higiene do corpo e dos dentes. Foi aí, que comecei a valorizar mais a escovação e iniciei tratamento dentário, em um convênio que meu pai tinha com a Cooperativa dos Plantadores de Cana.

Participei, na 8ª série, de um peça de teatro que foi bastante interessante e significativa para mim e também me ajudou a ter uma melhor socialização com os demais colegas da sala, foi a peça: “*Morte e Vida Severina*” – de Cabral de Mello Neto – retratando a vida sofrida do povo Nordestino, castigado pela seca. Identifiquei-me com a peça e assumi o papel principal: eu era o Severino. Caprichamos no cenário e foi um sucesso a apresentação para a escola toda.

Outro ponto positivo nestes anos da escolaridade foi a abertura para os alunos em emprestar livros da biblioteca da escola. Tinha até carteirinha! Neste momento que eu realmente comecei a me interessar por leitura, pois não era leitura imposta; eu era quem escolhia a história, contos, etc e, com isso, ajudou a melhorar minha redação e ampliou meu vocabulário, com palavras que eu ia buscar o significado no dicionário. Eu tinha muita dificuldade na escrita, erros de ortografia, de pronúncia, pois como lá no sítio, o “linguajar” da fala era diferente, da maneira como eu falava as palavras, eu escrevia e, os professores não entendiam e colocavam errado. Já em matemática, cálculos eu era excelente, pois estava relacionado à minha vivência lá no sítio; ajudava meu pai a pesar porco de engorda para vender, a fazer cálculo de cana, algodão, e outros.

Nas aulas de educação física: o método era tradicional, tratava exclusivamente das questões ligadas ao corpo e ao movimento eram de caráter recreativo e competitivo que davam margem a discriminação e a seleção, o mesmo não pode ser adotado como prática pedagógica recorrentes.

Apesar de tudo que cito acima, eu gostava das aulas, pois me identificava com as competições coletivas, nos jogos intersalas, escolas e com as amizades que mantínhamos com os colegas e professora.

As lembranças das aulas, foram marcantes, uma experiência prazerosa, com muitas conquistas de medalhas nas competições.

No final da oitava série, em 1978, sonhava em continuar estudando, queria fazer o magistério, pois desde criança eu ficava me imaginando professora, sempre foi o meu sonho!

Deste o ensino primário, me espelhava nas professoras e quando chegava da escola eu ia brincar de escolinha, ensinando meus primos. Utilizava a parede de um rancho velho e para escrever usava carvão ou pedaços de telhas, depois apagava com pano úmido, para que pudesse escrever novamente naquele espaço da parede do rancho.

1.3. Ensino Médio Profissionalizante

Fazer o magistério naquele momento era impossível, pois o curso era só no período diurno e minha mãe já havia falado que eu só iria fazer o colegial, se fosse noturno porque assim dava para arrumar um emprego e trabalhar durante o dia. Então fui morar com minha tia Tuca na cidade, e meus pais permaneceram no sítio.

Como não dava para me inscrever no magistério, fui fazer o curso técnico em Açúcar e Alcool, que era relacionado com minha vivência. Prestei a prova escrita, classifiquei-me em décimo lugar e iniciei no período noturno em 1979 na E.E.P.S.G. “Comendador Emílio Romi”, e concluí o curso em 1982.

Fui convidada para trabalhar de estagiária na Usina Santa Bárbara com estágio remunerado. Aceitei e então iniciou a minha carreira como Técnica em Açúcar e Alcool.

Exerci minha profissão nesta área por quase oito anos, passando por vários cargos e finalizando como encarregada de tratamento de água para uso industrial e potável.

Quando já estava casada e morando na cidade com meu filho de apenas dois anos, surgiu novamente a oportunidade de realizar meu sonho de fazer o Magistério, que nesta época iria iniciar no período noturno, então graças ao professor Edmur, que era muito amigo do meu marido, e me ajudou a convencê-lo, voltei a estudar. Terminei o Curso Magistério na EEPSG “Heitor Penteadó” em 1992 em Americana.

2. Primeiras Experiências na Prática Docente

Em 1993, fiz inscrição na DEA (Delegacia de Ensino de Americana), para lecionar em escolas estaduais como PI e PII (PI – professora habilitada em curso de magistério ou pedagogia para lecionar ensino infantil de 0 a 6 anos e ensinar no fundamental de 1ª a 4ª série) e PII (professor não tem licenciatura plena naquela área específica, mas dá aula em caráter excepcional para ginásio e colegial).

Consegui aula como PII noturno na escola EEPG “Bento Soares”, no bairro Antonio Zanaga em Americana, ministrando aula de Geografia, História e Ciências para alunos de 6ª a 8ª série e no período diurno como PI professor, eventual de 1ª a 4ª série em outra escola no mesmo bairro EEPSG “Antonio Zanaga”.

De acordo com Arroyo, *“carregamos a função que exercemos, que somos, e a imagem de professor(a) que internalizamos”* (2002, p.124), aprendemos nosso ofício de educadores em múltiplos espaços e tempos, em múltiplas vivências. Nesse sentido Passos (2000, p.103) argumenta que *“a lembrança do que se viveu faz o sujeito agir de forma determinada, também na tentativa de reverter em aspectos positivos, a que das experiências vividas foi negativo”*.

Assim comecei a construir minha prática: revendo modelos que eu conhecia, renegando em minha postura de educadora aquilo que eu criticava em meus antigos professores, tentando absorver somente o que de bom marcou. Fui constituindo minha noção de responsabilidade com a aprendizagem dos alunos, compreendendo a necessidades dos alunos sentirem-se atraídos pela aprendizagem, com conteúdos significativos, através de notícias de jornais, leitura de textos de diferentes gêneros, baseados no conhecimento da realidade dos alunos, alfabetizando através do construtivismo, onde a criança pensa e elabora suas próprias idéias, tendo o direito de expressar livremente o que entende, o que sente sobre aquele determinado assunto e conteúdo.

E assim, fui me fazendo professora procurando ler bastante, assinando revistas como: A Nova Escola, Revista do Professor e fazendo cursos de capacitação. Procurava, nas minhas aulas, ouvir os alunos e trazer para as aulas fatos que haviam contado de suas vidas pessoais ou assuntos que desejavam conhecer e assim criando vínculo afetivo entre professor / aluno.

As aulas que comecei a exercer como PII, foram uma experiência realmente desafiadora, pois eu tinha pouco conhecimento teórico sobre estas disciplinas, então foi necessário bastante esforço e dedicação, ler muito, pesquisar, preparar aula; mas, graças a

Deus, consegui dominar os conteúdos e acredito que procurava ensinar de forma significativa assuntos como AIDS: convidava médicos especialistas no assunto para vir complementar as explicações, e tirava as dúvidas quanto ao assunto, através de vídeo, panfletos, etc.

Com isso, não tive reclamações das minhas aulas e nem dos alunos e nem da direção da escola.

Em 1994, consegui aula como PII nas escolas EEPG “Marcelino Tombi” e EEPG “Alcindo Soares do Nascimento” duas escolas próximas uma da outra e bem perto do bairro São Domingos, onde que eu morava na cidade de Americana. Consegui aula nas disciplinas de : Geografia, História e Ciência de 6^a a 8^a série. Como sempre, eu fugia do padrão dos demais professores e completava as aulas – os assuntos trabalhados com aulas práticas, com palestras, exposições, visitas, aulas de vídeo, TV, laboratório e outras.

No final deste mesmo ano, surgiu a oportunidade de eu voltar a morar em Santa Bárbara. Surgiu o concurso para Professor I – Educação Infantil, fiz a prova, passei, e retornei a Santa Bárbara. Separada do meu marido, era necessário ficar próxima de minha mãe, para ela me ajudar a cuidar do meu filho.

Em 1995 comecei então uma nova experiência como docente, lecionando para crianças de 4 a 6 anos (Ensino Infantil). Consegui uma sala de Jardim II e, à noite, continuei com aulas na rede estadual como PII, na Escola EEPSG “Alcheste de Godoi Andia” em Santa Bárbara, nas disciplinas de Biologia para alunos de 1^o a 3^o colegial; e novamente, vi-me diante de uma situação desafiadora, bem maior do que as anteriores. Foi necessário muita dedicação, esforço, pesquisa e leitura para eu conseguir dominar os conteúdos a serem aplicados em sala de aula. E uma das experiências que mais marcou este período com os alunos, foi o teste que realizei com eles sobre o tipo de sangue de cada um – fator RH. Todos os alunos achava bastante interessante saber o seu tipo de sangue, como doador, para casamento e também fui completando este assunto com palestras para uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS.

2.1. Experiência na Prática Educativa Rede Municipal de Santa Bárbara d’Oeste.

Em 1996 consegui uma sala de Pré, período manhã e, a noite, supletivo (1^a e 2^a classe mista). Adorei a experiência de trabalhar com adultos que retornam o estudo com interesse e dedicação, na esperança que, com este diploma, consigam arrumar um emprego melhor.

Em 1997 e 98 continuei com o Ensino Infantil, (período da manhã) e, à noite, supletivo – 2^a e 4^a série, sempre de maneira diferenciada, com músicas, culinária,

apresentação de Capoeira, visita a biblioteca e ao museu, palestras sobre drogas, sexo, AIDS etc. um dos ensinamentos que ficou marcado, foi quando implantaram o voto eletrônico – ninguém sabia como votar, como usar a urna eletrônica, principalmente os alunos do supletivo.

Consegui trazer uma urna eletrônica para a sala de aula e um vereador da cidade para explicar o uso correto, a importância do voto, a intenção dos vereadores, etc. Foi também uma aula muito importante, pois todos puderam compreender como votar corretamente.

No ano seguinte, sempre em jornada dupla no Ensino Infantil (Maternal II até o Pré), tive a oportunidade de trabalhar com todas estas faixas etárias (3 a 6 anos).

No ano de 2004 tive a oportunidade de concorrer ao cargo de Apoio Pedagógico em minha própria unidade de ensino, onde estava com duas turmas (Pré e Maternal III). Passei por um processo de entrevista seletiva pelo pessoal da Secretaria da Educação e teste escrito. Fui selecionada para exercer o cargo, auxiliando minha coordenadora Letícia. Foi uma experiência muito valiosa e pude conhecer, na prática, o trabalho pedagógico que é desenvolvido com as crianças de 0 a 3 anos (berçário, maternal I e Maternal II) onde a parte pedagógica é só com o monitor.

Uma vez por semana, e Apoio Pedagógico na Creche, fazia grupo de estudo com as monitoras onde era feito o planejamento semanal para ser trabalhado com os alunos e também outros assuntos como: ler e discutir textos. Cada grupo de monitora fazia seu planejamento de acordo com os conteúdos que iriam ser desenvolvidos naquela semana, respeitando a faixa etária de seus alunos.

Como Apoio Pedagógico da Unidade de Ensino, eu tinha a função de orientar os professores e monitores, realizando supervisão nas salas de aula, no intuito de contribuir para melhoria do trabalho pedagógico. Além disso, com os professores realizava quinzenalmente HTDC.

A secretaria de educação neste ano, também ofereceu um curso de estudos teóricos sobre o RCN(Referencial Curricular Nacional) da Educação Infantil, capacitando os monitores. Particpei deste curso e achei muito válido, principalmente no que se refere ao planejamento Anual das Aulas, onde a Orientadora Pedagógica que estava dando o curso, Márcia Xavier, falava da importância de todos os funcionários da Unidade de Ensino participarem, pois assim, por exemplo, a cozinheira iria entender que a comida deve ser servida pelos próprios alunos, da importância dos professores trabalharem a culinária com os alunos, contribuindo com o ensino / aprendizado dos alunos.

Tive a oportunidade de acompanhar de perto o funcionamento da parte burocrática e a secretária da creche.

Neste mesmo ano, a Secretaria de Educação da Prefeitura, lançou desafio “Descobrimos Talentos” – Prêmio Educadores em Ação onde tanto os professores como os monitores poderiam se inscrever e apresentar tanto por escrito como na prática um “projeto”, relacionado com um tema desenvolvido com os alunos.

A minha creche foi que mais apresentou projetos, graças também ao meu incentivo e apoio, pois durante dez anos de experiência docente, sempre procurei trabalhar com projetos.

Recebemos troféu de 1º lugar e 3º lugar, concorrendo com todas as Unidades do Ensino da Rede Municipal de Santa Bárbara d’Oeste. Para mim, foi uma ótima recompensa, pois as exigências da parte teórica destes projetos eram equiparadas à monografias, com todos os regulamentos que estudamos para elaborar e digitar os trabalhos. Qualquer falha desclassificava os trabalhos.

No ano seguinte (2005), com a mudança geral na Secretaria da Educação, devido à troca de prefeitos, ao corte de gastos e outra linha de trabalho, os educadores com cargos semelhantes ou iguais ao meu, voltaram para a sala de aula, porque foi um cargo que não existia; foi implantado na gestão anterior e a nova gestão não aceitou, alegando corte de gastos.

Voltei a ter jornada dupla lecionar em dois períodos. Neste ano com Jardim II A – Emefei profº Augusto Scomparim e Jardim II B – Creche Vanderlei Matarazzo, com alunos na faixa etária de 5 anos. Entretanto, aos poucos, fui percebendo uma escola muito diferente daquela que eu imaginava. Durante estes 10 anos de prática docente, participei dos cursos promovidos pela secretaria municipal de educação, fiz outros da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, SENAI – Serviço Nacional da Indústria – formação de formadores de Santa Bárbara, PROFA – Programa de Formação de Professores Afabetizadores, etc.

Minha visão mudou.

Fui buscando a formação que estava ao meu alcance, acreditando estar crescendo como profissional, na medida em que buscava novas possibilidades de trabalho com as crianças.

Entretanto, apesar das buscas por uma metodologia melhor e mais adequada, também encontrei algo inevitável e que não procurei: como sou funcionária municipal e a cada ano eleitoral muda o pessoal da Secretaria de Educação mudam os métodos de ensino. Uns defendem o trabalho com “cantinhos”, outros o letramento e até o “alfabetizar” na pré-escola, enfim como educadora a dez anos, às vezes sinto-me insegura, a ponto de não saber mais qual método aplicar, qual modelo de escrita, de planejamento...

2.2. Da teoria a prática contribuição do Ensino Superior

Graças a Deus, a partir do momento em que iniciei o Curso de Formação Superior – Pedagogia – Unicamp, comecei a compreender que a sensação de, às vezes, não saber mais o que ensinar e como ensinar é decorrente da minha formação precária. Faltava-me uma visão mais ampla, um “novo olhar”. De novo, a confirmação de que minha formação inicial e todos os cursos que fiz eram insuficientes e não atendiam à realidade da sala.

A cada mudança de Secretaria, eu ficava mais confusa e insegura. No dizer de Perón, “(...) a formação inicial dos professores é extremamente importante, porém não suficiente para o atendimento das exigências educacionais cada vez mais e complexas” (2002, p:364).

E assim passei meus dez anos no Ensino Infantil, criticando e saindo da vida de meus alunos para dar lugar aos professores das séries seguinte. Hoje, refletindo sobre minha prática, posso afirmar, que eu não apenas queria exercer meu papel de professor, mas sim de educador; eu tinha a preocupação com isso, mas meus conhecimentos estavam muito a desejar. Foi quando iniciei o curso de Pedagogia e assim, fui relacionado às teorias com a prática, observando se eu estava aplicando, e se como aplicava estavam realmente correta. Fui adquirindo mais confiança, mudando minha postura e afirmando cada vez mais, minhas convicções, de que a criança “aprende brincando” e como é importante o ensino através do lúdico, das brincadeiras e jogos para obter um aprendizado realmente prazeroso e significativo.

3. As teorias e práticas sobre o assunto.

3.1 Os diferentes olhares a respeito da infância, da criação e do brincar no decorrer da História.

“Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho, pássaros amados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou segurar um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar (...). As idades de vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas as funções sociais (...).” (Aries, 1981, pág.39).

Para uma maior compreensão do leitor, vou iniciar narrando a infância e a criação e as influências do brincar que no decorrer da História, sofreram modificações.

A publicação de Ariés – “História da Criança e da Família” tem conferido significativa contribuição para os estudos da infância; o modo como as crianças eram e são percebidas, e concebidas, foi através desta publicação que inaugurou o campo da história da infância. E foi relacionando os estudos que fiz deste livro e dos assuntos referentes a este mesmo estudo na disciplina da professora Zenaide – 5º Semestre/2005 UNICAMP que passei a compreender que as concepções de infância são socialmente e historicamente construídas.

Aprendemos assim, com os teóricos que são necessárias buscar a história passada para que o presente possa ser mudado e para que também um outro futuro, diferente daquele anunciado numa visão determinista, possa ser realizado.

Em fins do século XVI e, sobretudo no século XVII, surgiram dois sentimentos da infância: o primeiro foi caracterizado pela paparicação e depois pela moralização. O autor coloca que: (...) *“o primeiro sentimento da infância, caracterizado pela paparicação, surgiu no meio das famílias, na companhia de crianças pequenas. O segundo, ao contrário, provinha dos homens da lei, raros até o século XVII, preocupados com a disciplina e a racionalidade dos costumes”.* (Ariés, 1981, página 163)

Estes dois sentimentos da infância, em relação a criação, foram os principais conceitos em torno da pesquisa de Philippe Áries.

Na disciplina de Filosofia - 4º Semestre/2003, o professor Luís relatou em uma de suas aulas que os sentimentos da infância foram-se modificando, pois cada geração cria e acumula conhecimentos que são passados de geração em geração e isso interfere progressivamente no modo de vida do ser humano, no meio em que vive, criando um mundo novo e adaptando-se as novas condições de vida social.

Estas afirmações vieram a confirmar o que o autor (Aires) descreve sobre o sentimento da infância que foram sofrendo modificações através dos tempos.

Só a partir do século XVIII, é que ocorre a preocupação moral e com a saúde física e a higiene pessoal da criança.

A duração da infância era extremamente curta e a criança, em pouco tempo, unia-se aos adultos e partilhavam de seus trabalhos e jogos. A criança era diferente do adulto apenas no tamanho e na força. As crianças aprendiam as coisas que deveriam ser ajudando os adultos a fazê-los, até jogos e brincadeiras.

Porém aos poucos, a infância passa a ser percebida, descoberta, e vale acrescentar que, nesse processo a escola desempenha importante papel.

É interessante mencionar no presente estudo, como as escolas surgem para as crianças, com quais objetivos e finalidades. Mais interessante ainda é relacioná-la aos conceitos de jogos e brincadeiras. Se estes, num primeiro momento, eram comuns as crianças e adultos, aos poucos vão mudando essa característica de uniformidade.

Mais uma vez Áries faz-se imprescindível para o entendimento do transcorrer da história dos acontecimentos relacionados a infância e ao brincar, segundo ele.

“Ao mesmo tempo em que brincava com boneca, esse menino de quatro a cinco anos praticava o circo, jogava cartas, xadrez (aos seis anos) e participava de jogos de adultos, como o jogo de raquetes e inúmeros jogos de salão. Aos três anos, o menino já participava de um jogo de rimas que era comum às crianças e aos jovens (...). Aos seis anos, joga o jogo dos ofícios e brinca de mímica, jogos de salão que consistiam em adivinhar as profissões e as histórias que eram representadas de adolescentes e de adultos”.(Ariés, 1981, página 86).

Na época ao qual o assunto vem falando, a educação em nada era valorizada, ou até mesmo estava em oposição se é possível dizer desta maneira ao sentimento da infância, que estava começando a surgir.

Pelas colocações do autor, fica evidente e talvez seja necessário refletir acerca da educação nos dias de hoje: Será que hoje há uma grande preocupação com a infância? Com o brincar? Ou será que pouca coisa mudou de lá para cá? Essas são minhas inquietações e indagações a respeito desse assunto, pois após teoria/prática pude perceber que pouco ou quase nada mudou no decorrer do tempo.

Segundo Aires :

“As coisas mudam quando ele se aproxima de seu sétimo aniversário: abandona o traje da infância e sua educação é entregue então aos cuidados dos homens, (...). Tenta-se então fazê-lo abandonar os brinquedos da primeira infância, essencialmente as brincadeiras de bonecas, “não deveis mais brincar com esses brinquedinhos (os brinquedos alemães), nem brincar de carreteiro: agora sois um menino grande, não sois mais criança. Ele começa a aprender a montar a cavalo, a atirar e a caçar. Joga jogo de czar (...).Aries, 1981, página 87.

3.2 O direito de brincar

O brincar é um direito da criança e este direito é reconhecido em declarações, convenções e leis, como mostram a Convenção sobre os Direitos da Criança de 1989, adotada pela Assembléia das Nações Unidas, a Constituição Brasileira de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. Todos são conquistas importantes, que colocam a ação de brincar como prioridade, sendo direito da criança e dever do Estado, da família e da sociedade. Essa é uma questão legal e aceita por todos. Porém muitas crianças não brincam, enquanto outras brincam pouco. E as razões desse não brincar se manifesta de diversas formas.

Muitas crianças perdem o direito de brincar nos primeiros anos de sua infância por deficiência física ou mental, ou por estarem hospitalizadas e há outras ainda, que trabalham para ajudar os mais velhos no sustento da família, e outros motivos que levam o “furto” da infância e o direito do brincar.

A ausência do brinquedo, entretanto, não as impede de brincar, pois elas usam a imaginação. Contudo, sabemos que o brinquedo é um suporte material que facilita o ato de brincar.

Quando nós observamos uma criança e vemos que em geral ela é alegre, tem o olhar esperto e riso fácil, é curiosa e investiga tudo o que vê, podemos apostar: é uma criança que brinca pra valer.

É brincando que a criança começa a se relacionar com as pessoas, é brincando que ela descobre o mundo, é brincando que ela se desenvolve, que ela aprende. É brincando que a criança desenvolve com mais saúde. Brincar elimina o estresse, aumenta a criatividade e a sensibilidade, estimula a sociabilidade.

Brincar é um dos alimentos mais importantes da infância. Brincar é a atividade que permite que a criança desenvolva, nos primeiros anos de vida, todo o potencial que tem.

Sem brincar, ao meu ver, a criança não consegue ser feliz e é a brincadeira que faz a criança; ser criança.

Pelo brincar, diz Vygotsky (1991), a criança reorganiza suas experiências. Oferecer oportunidades para a criança brincar é criar espaço para a reconstrução do conhecimento.

O brincar permite, ainda, aprender a lidar com as emoções. Pelo brincar, a criança equilibra as tensões provenientes de seu mundo cultural, construindo sua individualidade, sua marca pessoal, sua personalidade. Piaget (1978) nos esclarece que: “*o brincar implica uma dimensão evolutiva. Crianças de diferentes idade, com características específicas, tem formas diferenciadas de brincar*”.

3.3 Mundo moderno, infância ameaçada.

Procuo defender que todas as crianças devem ter tempo e espaço para brincar. Não importa com o que?

Brincar para a criança, é tão importante, quanto o trabalhar para o adulto. A criança não é feliz, se sente mal quando não pode ou não a deixam brincar. Há tempo para tudo na vida, e na infância, o tempo é de brincar.

Como anda a infância do mundo moderno? E como está esse tempo de brincar para as crianças de hoje? Pensando nesse assunto, observa-se que está difícil para a criança, arrumar tempo para brincar nos dias de hoje. A infância é um bem ameaçado que tem desafios a vencer. A violência das cidades, o excesso de trabalho dos pais, a competição e as novas cobranças da vida moderna, atingem em cheio as crianças. Elas vêm sendo submetidas precocemente a estímulos e responsabilidades da vida adulta. É uma pressão social, que deve ser muito bem dosada pelos pais para que não tirem dos filhos o direito de brincar.

Com tudo isso e através de estudos e comentários provenientes tanto das aulas, da professora Zenaide, quanto nas da professora Lindaura concluo que devido a essa violência e das ruas, correria dos pais no dia-a-dia, as crianças estão em creches ou trancafiadas em suas casas. Limitadas ao espaço físico dos apartamentos ou mesmo de casas sem quintal, muitas crianças trocam a sociabilidade desenvolvida nas brincadeiras de rua, por cursos de judô, natação e outros, e reduziram suas opções de diversão, á programas televisivos ou a solitários e competitivos jogos de videogame.

Na aula do dia 23/05/05, na roda da conversa fiz uma pesquisa com vinte e seis crianças, com idade de cinco anos (Jardim II B) com as seguintes perguntas: “Antes de vir para a escola à tarde, qual a brincadeira que realizaram? Ou só assistem TV? Quem brinca no quintal? E na rua? E com os pais ou sozinhos”?

As respostas foram que: **A maioria dos alunos não brincam antes de irem para a escola, só ficam na TV ou videogame, das crianças que brincam, a maioria brinca sozinha, dos oito alunos que contaram que nas sua brincadeiras em casa, tem a participação de um adulto, apenas cinco alunos revelaram que: é só o pai que brinca com ele(a) quando chega do trabalho, e que a mãe tem muitas ocupações em casa, cozinha, limpar a casa, lavar roupa, etc., conforme relatou a aluna Emmanuelle. Quanto ao brincar na rua, apenas três das crianças falaram que as vezes vão andar de bicicleta na calçada, mais sempre com alguém da família acompanhando.**

Através dos dados levantados nesta pesquisa, eu pude concluir que resta apenas o espaço das escolas de educação infantil para que a criança realmente possa desfrutar deste espaço físico para brincar.

A criança que não brinca ou quase não brinca fica mais passiva, sem cultura infantil, o que a leva a ter dificuldade de expressão. O resultado é “(...) *um grau de insatisfação que poderá desencadear aumento de agressividade*” Professora da Universidade de Educação da USP.

Eu, como educadora, sofro com essa agressividade que está presente todo ano por parte de alguns alunos, então fico a me perguntar: **“Será que isso vem da falta do brincar em casa e da influência de assistir muitos programas televisivos e videogames que em sua maioria são violentos ou será outro problema como, por exemplo, o desinteresse dos pais pelo mundo em que vive o filho”?**

Depois de estar cursando Pedagogia ter lido e debatido bastante, sobre a importância do brincar, da infância, é que não consigo mais ficar passiva diante de certas situações no cotidiano escolar, então, acho válido aproveitar o momento das Reuniões com os Pais que

temos durante o ano, para além de falar sobre o desenvolvimento pedagógico da criança, fazê-los também refletir sobre outros assuntos, que envolvam seus filhos. Procuo falar sobre as influências negativas dos programas televisivos para as crianças, faço com que eles analisem se estão brincando com seu filhos em casa, ou se os levam para brincar, e acrescento sempre o comentário: **“O momento da infância de seus filhos é hoje e não amanhã, então eles têm o direito de desfrutá-la em plenitude, portanto não podemos ser nós, pais e educadores, os agentes que privarão este direito deles.** Eu procuro desde o início do ano letivo falar aos pais que, como educadora do ensino infantil, eu não sei outra maneira de ensinar estas crianças pequeninas sem ser através do lúdico, das brincadeiras, dos jogos e acredito, por toda a experiência vivida nestes dez anos no Ensino Infantil, que a criança assimila com muito mais facilidade um conteúdo quando ele é transmitido dessa maneira”.

Em época de transformações sociais e avanços científicos, a infância ganhou uma nova cara, muito diferente da que tinha há cinquenta anos. As crianças têm, por exemplo, cada vez menos irmãos, o que faz com que ela cresça mais solitária e individualista. As mães, por sua vez, precisam trabalhar fora para completar a renda familiar. Foi com tudo isso que surgiram crianças isoladas, com agendas sobrecarregadas e submetidas a excessivas cobranças. O risco deste estilo de vida, é distanciar cada vez mais os filhos das brincadeiras espontâneas, tão importantes na infância.

A televisão, por sua vez, é uma ameaça a infância, pois as crianças absorvem muitas informações que não deveriam, ou seja, muitas informações que não condizem com seu universo. Elas deveriam estar protegidas de assuntos de adultos, para que sua infância também fosse preservada. É por causa dessa influência, que as crianças anseiam cada vez mais por coisas de “gente grande”: músicas, roupas, programas, etc...

Esta é a outra preocupação que venho tendo em decorrência de um novo olhar, ou seja de um olhar mais observador e crítico quanto às atitudes, palavras e atos que as crianças estão demonstrando na escola. Incomoda-me ver crianças de cinco anos vindo para a escola com sandálias de salto alto, batom, esmalte nas unhas. Chego a comentar essa minha preocupação na Reunião dos Pais para que assim, eles tomem consciência da influência da mídia, do consumismo e do modismo também relacionado ao mundo infantil. Tenho deparado-me com a necessidade, de pedir aos pais, que mandem para a escola os filhos de tênis, ou com um calçado confortável, já que, com frequência fazemos aulas de Educação Física, recreações e uso do parque. A moda deveria ser para adultos e não para crianças, porém estão fazendo delas “adultos em miniatura” e isso é um problema muito sério ao meu modo de analisar esse

assunto. É necessário que tanto a escola, quanto à família, tome consciência e atitudes a esse respeito. Este assunto foi muito debatido em várias disciplinas da Faculdade.

Os pais por muitas vezes sentem-se culpados pelo pouco tempo dedicado aos filhos, tornando-se permissivos e atendem aos pedidos deles sem colocar limites.

3.4 Brincar na escola é preciso.

Como educadora defendo e confirmo que precisamos dar prioridade à brincadeiras educativas na escola.

As brincadeiras e os brinquedos educativos conquistou espaço definitivo na educação infantil. Segundo Tizuko (1997, p: 38)

“As brincadeiras tradicionais infantil filiada ao folclore, incorpora a mentalidade popular, expressando-se, sobre tudo, pela oralidade. Considerada por arte da cultura popular, essa modalidade de brincadeira quando a produção espiritual de um povo em certo período histórico”.

Resgatar as brincadeiras tradicionais é nossa forma de melhorar a qualidade de vida da criança e inseri-las no currículo escolar, seria segundo Tizuko, uma solução para às crianças valores mais solidários.

Por ser um elemento folclórico, a brincadeira tradicional infantil assume características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade, lembra Tizuko (1997 p:38).

Como exemplos de brincadeiras tradicionais, temos a amarelinha (que trabalha a locomoção), a ciranda-cirandinha (que trabalha a musicalidade) a estátua (que trabalha a expressão corporal) e faz-de-conta (que trabalha a criatividade). Essas brincadeiras são algumas, dentre várias bastante conhecidas.

“(...) a brincadeira tradicional tem a função de perpetuar a cultura infantil, desenvolver formas de convivência social e emitir o prazer de brincar”.

(Tizuko 1997 p: 38-39) .

Além do mais estas brincadeiras tradicionais ou antigas, dão um senso de continuidade, permanência e pertencimento, mergulhando-nos na história e reportando-nos aos nossos antepassados e suas culturas. Tais brincadeiras foram transmitidas de geração em geração através do conhecimento empírico e permanecem na memória infantil. Esse tipo de brincadeira garante a presença do lúdico e das situações imaginárias.

3.5 Parque de aprendizado infantil

Conduzir a criança aleatoriamente ao parque sem um objetivo específico, a não ser o de brincar, acarreta perdas para ambos, professor e aluno.

É preciso ter uma visão mais ampla e perceber a grande valia que tem os parques dentro de uma unidade escolar, ou seja, não é só “soltar” o aluno para brincar, pode-se também aprender brincando.

Para isso é necessário que quando as crianças estiverem brincando no parque, o educador esteja caminhando entre elas, observando as brincadeiras, escutando as conversas e mergulhando neste mundo riquíssimo que é o do faz-de-conta, podendo assim, fazer interferências e perguntas do tipo: “como seria se essa brincadeira fosse assim? E se fosse dessa outra forma?”, enfim, fazer a criança pensar, criar, comunicar-se, expor suas idéias. Na aula do dia 23/05/05, eu pesquisei com os alunos sobre o que cada um mais gostava de brincar na escola e a maioria respondeu que era no parque infantil com areia e se possível baldinho.

O educador deve apresentar cada brinquedo do parque para a criança, indicando seus nomes, suas funções e os perigos que possam ocorrer com o uso desses. As crianças devem tateá-los sentindo do que são feitos (variedade de materiais usados na fabricação), sua forma, textura e cor. Além disso, o educador deve saber os benefícios que cada brinquedo proporciona.

3.6 Brinquedos - Desenvolvimento da aprendizagem - Sociabilidade

Os brinquedos são suportes que ajudam a criança a crescer de modo saudável, seja no aspecto físico, ou no social, intelectual e emocional. Eles enriquecem a brincadeira, proporcionando desafios e motivação.

O brinquedo traz o real para a realidade infantil, ou seja, para que o brinquedo seja significativo para os meus alunos eu procuro apresentar partes de contato com a sua realidade: como brincar de casinha, de escolinha...

Os brinquedos e brincadeiras estimulam a oralidade da criança e com isso, aumentam o vocabulário das mesmas. O entusiasmo da brincadeira faz com que a linguagem verbal se torne mais fluente e haja então, mais interesse por conhecer palavras novas e desenvolve também o senso de compreensão.

Nas dramatizações, a criança vive personagens diferentes alargando assim sua compreensão sobre os relacionamentos humanos. Esta prática de dramatizar histórias, músicas ou algum conteúdo trabalhado é uma prática constante em minhas aulas, eu percebo que mesmo os alunos mais tímidos e os que tem dificuldade de oralidade, com esta prática constante se tornam falantes e passam a ter um bom relacionamento com todos.

Quando uma criança dramatiza, percebe-se que ela consegue assimilar com mais clareza e recontar com mais precisão o texto em começo, meio e fim, sendo que, se ela apenas tivesse ouvido aquela mesma história, isso possivelmente não ocorresse. Procuo também proporcionar atividades dinâmicas e desafiadoras que exijam a participação ativa das crianças.

Nas observações de situações problemas contidos na manipulação de certos materiais como: jogos de seqüência lógica, quebra-cabeças, tangran, entre outros, quando adequados às necessidades do desenvolvimento da criança, fazem-na crescer através da procura de solução e de alternativas.

Para que um brinquedo seja ideal para uma criança é necessário que ele apresente alguns requisitos em suas características: libera a emoção infantil, estimula a imaginação, facilite o processo de construção do conhecimento, auxilie a aquisição da autonomia, da auto-estima e da iniciativa e também tenha o objetivo de explorar a lúdico, de ajudar no desenvolvimento da linguagem, auxilie na aquisição da conduta afetiva e respeite a faixa etária da criança.

Já que temos várias fases de desenvolvimento infantil e este ocorre numa seqüência de estágios que, segundo Piaget (ano 1978), são: I) período sensório motor (de 0 a 2 anos), II) período das operações concretas (de 2 a 12 anos), III) período das operações formais (de 12 anos em diante).

3.7 A relação criança X brinquedo X adulto.

A forma de introduzir o brinquedo à criança é importante, em certas situações, ele pode apenas ser colocado no ambiente que a criança vai explorar, outras vezes, precisa ser apresentado a ela e mostrar as possibilidades de exploração que este brinquedo oferece. Em uma das aulas da Professora Lindaura (5º Semestre de 2004) na disciplina de Pedagogia da

Educação Infantil, ela comentou sobre este assunto da importância do brincar, do brinquedo, que o educador na creche deve brincar junto com a criança, principalmente com crianças menores (do berçário ao maternal - 3 meses aos dois anos), para assim reforçar os laços afetivos, É uma das muitas maneiras de manifestar nosso amor pela criança.

A criança sente-se prestigiada e desafiada quando o parceiro da brincadeira é um adulto. Esta prática ocorre bastante na minha creche. Eu observo que as monitoras de lá interagem bastante no brincar com as crianças.

Então, como já citei anteriormente, é necessário observar o desempenho das crianças em relação ao seu brinquedo e do seu brincar, podendo assim avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo.

É necessário cuidado da parte de nós educadores, quando vamos fazer intervenção, ou seja, não podemos interromper a linha de pensamento da criança, senão vamos atrapalhar sua simbolização. É necessário e importante a intervenção do adulto, mas no momento certo.

Também nas aulas da professora Lindaura ela falou várias vezes da importância de se ter brinquedos pedagógicos em todas as repartições da creche, até nos banheiros e não só nas brinquedotecas e salas de aula.

Outra prática que eu realizo com as crianças é o “Dia do Brinquedo” nas sextas-feiras as crianças trazem brinquedos de casa. Por vários anos tive esse hábito porém, após as aulas da Faculdade, principalmente o ano passado no 5º semestre, eu realmente pude dar maior significado a este dia de brincar. Hoje, brinco com eles, observo, faço anotações e as vezes utilizo o tempo para falar sobre o compartilhar os brinquedos com os colegas, outras vezes fazemos a listagem dos materiais trazidos.

Outra observação importante é que depois que comecei, no início de 2005, a trabalhar diversidade de raças, identidades, percebi que várias crianças negras, principalmente as meninas, apareceram na escola com bonecas novas e negras. Eu elogiei as bonecas e perguntei a uma das meninas: “Por que você escolheu esta boneca, Giulia?”, ela rapidamente me respondeu? “Porque ela é minha filha, então tem que ser da minha cor”. Tive outras descobertas incríveis com o hábito de parar para observar e interagir nas brincadeiras das crianças. Isso é muito gratificante.

No meu dia-a-dia, procuro usar com as crianças e desenvolver atividades com os mais diversos tipos de brinquedos, como: brinquedo de afeto (os bichos de pelúcia) e outros.

Eles provocam o aconchego e oferecem consolo á criança. Os brinquedos de faz-de-conta, funcionam como elemento introdutório e de apoio á fantasia, facilita o processo de

simbolização, além de proporcionar experiências que, além de aumentarem o repertório de conhecimento da criança, favorece a compreensão de atribuições de papéis.

A criança inventa, usa qualquer sucata e a brincadeira fica mais divertida quando a criança tem que descobrir o que está representando o que?

Através de seus brinquedos, a criança expressa o processo maravilhoso do “faz de conta”, pelo qual um cabo de vassoura é um cavalo ilusório é um sabugo é uma boneca, envolvendo-se num mundo imaginário onde os desejos não realizáveis, podem ser realizados.

Outros brinquedos no cotidiano que analiso são:

As bonecas

A criança dá vida e lhes atribui sentimentos projetando nelas suas próprias emoções.

As bonecas são brinquedos essenciais para as crianças porque dão a elas a oportunidade de exercer o poder sobre elas, de sentir-se forte e grande como o adulto, de repreender, de superproteger, de castigar, de cuidar, de amar ou rejeitar. É realmente incrível o que descrevo acima, pois as crianças, quando estão brincando com bonecas e fazendo o papel de mãe, agem com a boneca de forma igual a que suas mães fazem com elas.

Os fantoches

Fantoches de cara, de mão, de dedo são sempre excelentes estimuladores da imaginação e da linguagem.

As fantasias

Ajudam a estimulação dos jogos simbólicos enriquecendo o “faz-de-conta” e facilitando a representação de papéis.

Por exemplo, numa brincadeira de casinha, quando uma menina faz de conta que é a mãe assumindo seu papel, ela passa a entender melhor suas atitudes.

Brinquedos de guerra

Enquanto houver violência e assassinatos nos filmes apresentados na TV, no cinema, as crianças vão brincar de guerra. Elas transformam qualquer pedaço de pau em armas. Quando dou monta-tudo (atividade estrategicamente selecionada para aguçar a criatividade da criança em montar figuras), vejo que é incrível o fato de que a maioria dos meninos só consegue unir as peças com o intuito de montar figuras de bandidos e policiais, simulando logo um tiroteio. Às vezes não sei como lidar com a situação, mas em decorrência das leituras e do embasamento teórico adquirido na Faculdade, aprendi que não se deve impedir que as crianças brinquem de guerra, mas tentar conversar com elas sobre o seu significado.

Brinquedos pedagógicos

São os brinquedos que foram fabricados com o objetivo de proporcionar determinada aprendizagem, tais como: cores, formas geométricas, números, letras, etc... Mas sabemos que a aprendizagem na Educação Infantil não se restringe apenas a ensinar esses aspectos mencionados acima, mas, muito além disso, ele é um processo global e contínuo.

A satisfação do objeto pedagógico está quando o objetivo do jogo foi alcançado, já no brinquedo simbólico ela acontece no decorrer da atividade.

A diferença entre materiais pedagógicos e brinquedos pedagógicos é muito pequena. Ambos objetivam uma aprendizagem, mas nos materiais pedagógicos o aspecto lúdico pode não estar presente.

Quanto a esse recurso, posso afirmar que durante esses anos todos na Educação Infantil, a demanda de materiais pedagógicos porém, ao meu ver quando as unidades sempre foi insuficiente, ou seja, elas nunca suprem as necessidades dos educadores. Isso dificultava e continua dificultando o meu trabalho pedagógico, mas quando se quer “tudo se transforma”, basta usarmos de nossa criatividade assim sempre fui procurando confeccionar os materiais que sentia necessidade utilizando alguns recursos, principalmente a sucata.

Blocos de construção ou jogos de construção

São provavelmente os mais antigos e os mais utilizados jogos nas pré-escolas. Foi Froebel, Barse (Foi o defensor da liberdade na educação e criou o jardim-de-infância, instituição que foi adotada em todo o mundo. Ao descobrir sua vocação pelo ensino, Froebel começou a desenvolver suas teorias, que tinham como elementos fundamentais os jogos e as atividades livres.) o criador dos jogos de construção. (Barse, p.452-453).

As variedades de tamanho, formas e cores que eles possuem possibilita diferentes formas de utilizá-los e de manifestação da criatividade. Eles não são um jogo, mas são excelentes matérias-primas para ajudar na concretização de diferentes idéias.

Estes jogos podem ser de plástico ou de madeira. É prazeroso observar a criatividade que as crianças tem, ao manipular estes jogos. Elas conseguem construir casas, bairros, móveis ou cenários para as brincadeiras simbólicas.

Cheguei a confeccionar com meus alunos blocos de construção feitos com caixas de leite, de fósforo, entre outras. Com esses materiais, nas oficinas, eles puderam realizar construção de casas, pois naquele momento estávamos estudando os bairros e montamos maquetes com caixas de leite simbolizando as casas, caixas de fósforo simbolizando as portas e janelas e pedaços de papelão simbolizando o telhado. Montamos ruas, paisagens e comércio enfim, procuramos representar com detalhe cada bairro, pois naquele ano eu tinha alunos de

três bairros vizinhos. Depois de tudo pronto ficou, mais fácil aos alunos entenderem que a união das casas forma um bairro e que vários bairros formam uma cidade. Este trabalho foi exposto aos pais.

As crianças só aprendem certos conceitos, quando podem manipular e agir diretamente sobre o objeto que eles mesmos confeccionaram. Eles se sentem felizes e orgulhosos ao mostrá-los para os pais: “Olha lá, aquela ali é a nossa casa, não é ali mesmo que ela fica?”.

3.8 Brinquedos e jogos com sucatas

Com sucatas podemos confeccionar jogos, brincadeiras atraentes e educativo com baixo custo. É um dos recursos que eu utilizo com frequência, em todo estes dez anos de prática docente na educação infantil. Os motivos que me levaram a confeccionar são diversos, porém aqui segue alguns dos jogos e trabalhos executados;

- Jogo da velha
- Toca do ratinho
- Da argola
- Boliche
- Boca do palhaço
- Bloco de construção
- Dado
- Cinco marias
- Brinquedo de pé de lata
- Cavalinho
- Vaivém
- Bilboquê
- Passa bola
- Peteca
- Perucas
- Bolas de meia

“A sucata é um suporte em potencial para atividade infantil, segundo Santa Marli Pires dos Santos 1995, autora do livro Brinquedoteca – sucatas vira brinquedo, para a construção de jogos e brinquedos com material de sucata o essencial não é o objeto em si, mas sim o que ele pode oferecer”.

Segundo Andrade (1994), o principal é o que um objeto de sucata pode contribuir no contexto do jogo.

Desde 1996, primeiro ano no ensino infantil na Rede municipal, eu comecei a confeccionar jogos com sucatas, para suprir a falta de material pedagógico industrializado, a demanda que chegava nunca era o suficiente, então essa foi uma alternativa, pois sempre acreditei que os jogos e brinquedos são indispensáveis para o ensino / aprendizagem na educação infantil.

Mas meu interesse maior em trabalhar com sucatas foi quando comecei a me aprofundar mais em pesquisas teóricas sobre a reciclagem de lixo, meio ambientes. Assim fiz cursos e leituras referente ao assunto.

3.9 Relato da minha experiência referente ao assunto

Em 2002, no bairro que leciono, inaugurou uma cooperativa de reciclagem do lixo (RECIKOPLAST) a primeira e ainda única na cidade de Santa Bárbara d’Oeste. Então fui conhecer a cooperativa e acabei me interessando ainda mais pelo assunto. Depois, com a autorização e participação dos pais, levei os alunos para conhecer também. Então iniciei o meu primeiro ano de projeto “Reciclagem do lixo”.

Em 2003, recebi um convite da minha coordenadora para que eu apresentasse alguma coisa com meus alunos em comemoração ao aniversário do projeto que o Fundo Social, na época, lançou: “Vamos fazer o nosso papel”. No primeiro aniversário do projeto, 20 de fevereiro de 2003, as escolas da rede municipal de ensino receberam o latão azul e começaram a fazer reciclagem do papel.

Então eu aceitei o convite e botei uma peça teatral. Nós apresentamos e ela foi um sucesso tão grande que esse assunto saiu no “Diário” - jornal que circula na minha cidade – alguns dias após a apresentação. Eu levei e li o jornal para os meus alunos, também tirei fotos e filmei essa data tão significativa para eles.

Então, cada vez mais eu comecei a me interessar por este assunto e neste momento nossa escola mantém parceria com a Cooperativa Recicoplast. Nós, professores, iniciamos

trabalhando em busca da conscientização da reciclagem do lixo, da coleta seletiva e da separação do lixo inorgânico em latões coloridos, de acordo com o material, em cores padronizadas mundialmente, como: azul para o papel, amarelo para o metal, verde para o vidro e vermelho para o plástico. Comecei a abordar constantemente esse assunto com as crianças e seus familiares e com isso, os alunos que anteriormente vendiam as sucatas, agora traziam-na para a creche e doavam para esta cooperativa de reciclagem. Assim, foi se estendendo o meu projeto e no encerramento eu ensinei aos alunos a receita do papel feito a mão, ou seja, o papel foi finalmente produzido pelas crianças. Usando a criatividade eles criaram quadros e presentearam seus pais, pois o projeto se encerrou, naquele ano, próximo ao dia dos pais (agosto de 2003).

Em 2004 e 2005, continuei desenvolvendo o projeto com outras turmas e a cada ano o projeto adquiria maior intensidade, as pessoas adquiriam maior experiência e maior envolvimento. No projeto realizado no ano passado (2004), eu pedi aos pais para que confeccionassem com seus filhos brinquedos de sucata e fizemos uma exposição na escola. Foi muito bom o relato dos alunos na roda de conversa, os pais ficaram orgulhosos por terem feito com eles aqueles brinquedos. O projeto também conta, todos os anos, com o momento da oficina: “Criando com sucatas”, em que as crianças escolhem os materiais e de acordo com a criatividade de cada um, montam e pintam com tinta guache o brinquedo. Depois realizamos exposições e trabalhamos o letramento, da listagem dos materiais confeccionados, exposição e finalmente os alunos levam o objeto para casa para brincarem. Também usamos músicas que falam sobre o lixo, jogos como: “O jogo do lixo”, atividades com o saco de lixo, vídeos sobre a reciclagem do lixo, desenho animado, etc...

No recesso escolar de 2004, o SENAI - Fundação Romi - Formação de Formadores da minha cidade promoveu o 4º Encontro de Educadores denominado: “Conhecer para solucionar: Uma visão indutiva”, realizado de 19 a 23 de julho de 2004 com oficinas educacionais e a “I Amostra Pedagógica” com relatos de experiência de docentes. Eu levei o meu projeto sobre a reciclagem do lixo.

Ele foi aceito e no dia 23 de julho, das 8h00 às 9h30min, fiz relato de experiência, e apresentei uma exposição de fotos dos anos trabalhados com o projeto apresentei os brinquedos e jogos que foram confeccionados e que eu utilizo até hoje em trabalhos pedagógicos com meus alunos. Eu convidei para que ali estivesse presente também a coordenadora do Núcleo Ambiental de Santa Bárbara d’Oeste, Maria Cândida, e houve um momento em que ela também relatou suas experiências com a questão do lixo em nossa cidade. Para encerrar a programação, esteve presente também um grupo musical da cidade de

Americana, chamado “Bate Lata”. Esse grupo é coordenado por Osmar de Oliveira e foi iniciado com a confecção de instrumentos a partir de sucatas. No final do evento eu tirei algumas fotos para apresentar aos pais de alunos e devolvi à escola os brinquedos que haviam sido expostos. Há vários anos trabalho com o projeto “Reciclagem do Lixo”.

O projeto “Reciclagem do Lixo”, no final de cada projeto, eu faço com os pais um levantamento para verificar se o projeto realmente foi significativo para o aluno, e também quanto à questão da construção de jogos e brinquedos com sucatas. Todos os relatos demonstrados são satisfatórios e os pais demonstram-se cada vez mais conscientizados com relação ao lixo.

A escola faz parte do meio ambiente do aluno sendo assim, entendo que preservar a escola e ensinar conceitos sobre a preservação do nosso planeta é um ato ecológico, pois a Constituição Federal determina a obrigatoriedade da Educação Ambiental, que deverá ser desenvolvida desde a pré-escola. Isso pode ser feito, por exemplo, com o auxílio dos professores despertando a conscientização e a necessidade do reaproveitamento do lixo por meio da reciclagem.

3.9 O jogo da aprendizagem

O jogo possui, portanto, finalidades que podem modificar-se rapidamente de acordo com o objetivo daquele que joga, do prazer que podem despertar ao longo do tempo, possibilitando o surgimento de algumas características fundamentais com o simbolismo, a ilusão e as regras.

“(...) Froebel foi pioneiro por reconhecer o jogo e a brincadeira como as formas que a criança utiliza para expressar como vê o mundo, além de serem geradores do desenvolvimento na primeira infância. Por isso, Froebel considera a brincadeira uma atividade séria e importante para quem deseja realmente conhecer a criança”.

(...) dizia que para se desenvolver, a criança não devia apenas olhar e escutar, mas agir e produzir sobre a natureza. Ele considerava que o trabalho manual, os jogos e os brinquedos tinham uma função educativa básica. No seu trabalho docente, Froebel colocava em prática a “teoria do valor educativo do brinquedo e do jogo”

(Arce Alessandra. Pg 60)

Concordo plenamente com esta teoria e por isso procuro reproduzir o que está citado acima na minha prática docente.

Assim, durante a atividade, através do movimento, o educador expressa seu comportamento que vai da liberdade à regra, do simbolismo à imitação, do modelo à criatividade, provocando no aluno mudanças de comportamento, mudanças no desenvolvimento e na aprendizagem.

O jogo lúdico possui três importantes funções: a psicológica, a pedagógica e a socializadora.

Na função psicológica do jogo, segundo Vygotsky, “*o brinquedo fornece a estrutura básica para as mudanças das necessidades da consciência*” (1987, página 112)

Do ponto de vista pedagógico, foram os estudos de Piaget (1978) que contribuíram para que os educadores percebessem a importância educativa do jogo para o desenvolvimento e suas relações com a aprendizagem. Para ele, é através do jogo simbólico que se alcança a prova concreta do desenvolvimento da criança.

Brincando e jogando, a criança reproduz as suas vivências, por isso afirma o autor que é através do jogo que a criança expressa, assimila e constrói a sua realidade. Com os jogos, as crianças constroem o seu conhecimento, e desenvolvem o seu raciocínio de forma descontraída e de acordo com o nível de desenvolvimento da criança, procuro propor atividades com variados tipos de jogos.

O jogo desenvolve a imaginação, a persistência e tomadas de iniciativas intelectuais, bem como criar regras e limites de forma democrática para a resolução de problemas.

Através das leituras de algumas teorias que falavam sobre a participação dos jogos na educação infantil e através de aulas na faculdade em que os professores Lindaura e Perci, falavam sobre a importância do jogo, pude compreender que o jogo favorece as várias formas de representação da criança e maximiza a construção do conhecimento através do lúdico. Por exemplo; além das vantagens citadas acima, os jogos possibilitam a percepção da criança em relação ao aspecto motor, afetivo, social e até moral.

O jogo também recebe de teóricos como Piaget, Vygotsky e outros as contribuições para seu aparecimento em proposta no ensino de Matemática. Realmente esta contribuição é significativa, pois através dos jogos as crianças assimilam com muito mais facilidade conceitos matemáticos.

O jogo na Matemática, passa a ter o caráter de material de ensino, quando considerado pelo educador promotor de aprendizagem.

Nos jogos recreativos com os alunos, procuro incentivar o trabalho em grupo, buscar soluções coletivas, e educar para a cooperação que é mais importante que a competição.

Este assunto foi bastante estudado e debatido este ano de 2005 nas aulas da disciplina: Teoria Pedagógica e Produção de Conhecimento em Educação Física, ministrada pela professora assistente pedagógica Marilise.

O jogo se torna mais rico quando é permitido participar, deixando o educador falar sobre o que sabe do jogo. Explorar a fala, apresentar e discutir regras, o que promoverá a elaboração de novas regras e, conseqüentemente criando outras possibilidades de jogar.

Já nos jogos simbólicos ou faz-de-conta, a criança constrói símbolos, transforma, inventa o real naquilo que deseja.

Nestes jogos, pude observar que as crianças gostam de se transformar em adultos imitando situações já presenciadas, reproduzindo o comportamento dos pais, professores e outros relacionados a sua vivência diária.

CONCLUSÃO

É dentro deste contexto de valorização e reconhecimento dos jogos, brinquedos e brincadeiras como “veículo” de crescimento infantil, possibilitando a auto afirmação da criança, como ser histórico e social que sugiro a idéia de desenvolver este tema no meu memorial.

Dá importância que dou ao brincar, por ser a essência da infância, significa para a criança o que o trabalho representa no adulto: sua principal atividade portanto, atender o brinquedo, o jogo, saber confeccioná-los com as crianças e utilizá-los é muito imperioso para o educador e para a educação infantil.

Pode-se verificar também, que para os pais e psicólogos ou qualquer outro, que atua junto a criança nesta faixa etária, é reconhecida a importância de aprender brincando e do brincar simplesmente e o que isso representa para a criança.

A proposta deste trabalho foi também, de socializar minhas experiências com outros profissionais.

Sendo o lúdico a base sólida para a criatividade, para a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer em viver, é fundamental que o educador garanta o tempo e espaço para que o mesmo seja desenvolvido.

Deve-se considerar o educando como sendo sujeito único, dono de uma cultura própria, que possui um repertório particular, construído e alimentado pelas experiências anteriores.

É fundamental questionar seus conhecimentos? Para que? Que conhecimento buscar? Com qual finalidade?

Já dizia Rubem Alves, (1983, p:11)

“Educadores, onde estão? Em que covas terão se escondido? Professora há aos milhares, mas professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor. Educador, ao contrario não é profissão é vocação. E toda vocação nasce de um grande amor, de uma grande esperança”.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

ABERKANE, Françoise Cerquetti, e Catherine Berdonneau “O ensino da Matemática na educação Infantil”, Editora Artes Médicas – Porto Alegre – 1997.

ALVES, Rubem – “Filosofia da Ciência” – São Paulo – Editora Brasiliense – 1981.

ALVES, Rubem, “Conversas com quem gosta de ensinar” - 5ª Edição – São Paulo, Cortez Autores Associados – 1983.

ANDRADE, A. Junqueira de, et al. Educação Infantil: Muitos olhares, São Paulo: Ed. Cortez, 1994, . p. 187.

ANDRÉ, Marli “O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores” — Editora Papirus.

ARCE, Alessandra, Friedrich Froebel. O Pedagogo dos jardins de infância, ed. Vozes – Petrópolis/RJ, 2002

ÁRIES, Filipppe – “História social da criança e da família” – Rio de Janeiro – Editora Zahar – 1978.

ARROYO, Miguel G., Ofício do Mestre, 6ª ed. Editora Vozes – ano 2002.

CHATEAU , Jean “O jogo e as crianças” ,– 2º Edição - Editora Summus – Volume 29 – 1987.

CRUZ, Roseli Fontana Nazaré “Psicologia e Trabalho Pedagógico” — Editora Atual – 1997.

CUNHA , Nylse H, da Silva, “Brinquedo, desafio e descoberta” — Editora FAE.

DAOLIO, Jocimar “Da cultura do Corpo”, 8ª Editora Papirus, Campinas – 2004.

FERREIRA , Maria Clotilde Rossetti, Ana Maria Mello, Telma Vitória, Adriano Gosuen, Ana Cecília Chaguri “Os fazeres da educação infantil”, 6ª edição – Editora Cortez, São Paulo – 2003.

FREIRE, J.B – “Educação de corpo inteiro” – SP – Editora Scipione – 1989.

HOFFMANN, Jussara “Avaliação na Pré-Escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança”– Porto Alegre – Editora Mediação – 1996.

KISHIMOTO, Kizuko Morchida, Jogo, Brinquedo, Brincadeiras e a Educação, 2ª Ed. – Editora Cortez, 1997.

KISHIMOTO, T.M – “Jogo, brinquedo, brincadeira e educação” – São Paulo: Cortez – 1997.

KISHIMOTO, T.M – “O brincar e suas teorias” – São Paulo – 1998 – páginas 19 à 31.

KRAMER, Sônia “Educação, Filosofia e Contemporaneidade e novas formas de olhar a escola – Parte 2.

LAROSSE, Jorge – “Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas” – 3ª Edição – Tradução de Alfredo Veiga Neto.

MARCELINO, Nelson C. – “Pedagogia da animação” – Campinas – Editora Papirus – 1990 – Capítulo II, páginas 53 à 89.

MOURA, Anna Regina Lanner de Moura e Manoel Oriosvaldo de Moura “Geometria nas séries iniciais” – São Paulo – 2001.

PASSOS, Marilsa C. , Memória e História de professores: Como praticar e lembrar, In: Vasconcelos, Geni N. (org). Como me fiz professora. Rio de Janeiro, DP&A, 2000.

PERON, Sarah C., As condições institucionais para a organização do trabalho pedagógico. In: Leite, Sérgio A. da org.. Alfabetização e letramento: contribuições para as práticas pedagógicas, Campinas/SP, Komedi: Arte Escrita 2001

PERRENOUD, Philippe: “A prática reflexiva no ofício de professor: Profissionalização e Razão Pedagógica” – Porto Alegre – R.S – Editora Artes Médicas – 2000.

PIAGET, Jean – “A formação do símbolo na criança” – Rio de Janeiro – 3º Edição - Editora Zahar – 1978 – Tradução: Álvaro Cabral e Christiana Monteiro Oiticica.

PIAGET, Jean – “Psicologia e Pedagogia” – Rio de Janeiro – Editora Zahar – 1972.

PIRES, Simone Cristina Camargo “Alfabetização para a leitura do mundo: trabalhando com o imaginário” — Universidade Estadual de Campinas – 2001.

SANTOS, Santa Marli Pires dos e Colaboradores, “Brinquedoteca: Sucata vira brinquedo” — Editora Artes Médicas, 1995.

SEVERINO, autor: Antônio Joaquim, “Metodologia do trabalho Científico” – 21ª Edição – 2000, Editora Cortez.

SMOLKA, Ana L.B – “A memória em gestão: uma perspectiva histórico cultural” – In Educação e Sociedade – Ano XXI, nº 71, julho de 2000.

VYGOTSKY, L.S – “A formação social da mente” – São Paulo – Martins Fontes – 1991.

VYGOTSKY, L.S. – “Pensamento e linguagem” – Editora Martins Fontes – São Paulo – 1987.

ZABDZA, Miguel A. “Qualidade em educação infantil” — Editora Artmed – Porto Alegre – 1998.

“10 novas competências para ensinar – Convite à viagem” – Editora Artmed – Porto Alegre – 2000.

“Concepção de Ciências” – Campinas-SP – Faculdade de Educação - UNICAMP – 1992.

“Ensino de Ciências e os parâmetros curriculares nacionais” – In: Seminário Regional sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais – São Paulo – MEC/SEF, CNE/CEB, CCE/SP, SEE,SP – Setembro de 1996.

“Expressão Corporal na Pré-Escola” – S.P - Stokoe – 1997.

“Metamemórias, memórias: travessia de uma educadora” – S.P: Cortez – 1990.

“O Ensino de Ciências sob nova perspectiva” – In: Ciências. São Paulo – FDE/APEOESP – 1992.

“Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil” – Volumes 1, 2 e 3 – Ministério da Educação – Brasília: MEC/SEF – 1998.

Nova Enciclopédia da Barsa, ano de 1997 – volume 6 – macropeia, p. 452-453, Friedrich Wilhelm August Froebel (autor)

Revista do Professor – “Nova Escola” – Edição Especial 2004 “Grandes Pensadores”.

Revista Nova Escola – Abril de 2004.

Revista Paulista de Educação Física – São Paulo – Suplemento 2 – Páginas 6-12 – 1996.